

**A Periferia da Periferia**  
Joaquim Bento Lousan  
Conjunto Habitacional de Carcavelos  
Matosinhos



**A Periferia da Periferia**  
Joaquim Bento Lousan  
Conjunto Habitacional de Carcavelos  
Matosinhos

textos

**Graça Correia**  
**Jorge Figueira**  
**José António Bandeirinha**  
**Sergio Fernandez**

projeto  
de reabilitação

**José Manuel Figueiredo**  
**Paulo Seco**

*Para a Graça,  
com o meu melhor agradecimento.*

*J.F.*

**esad—idea**

- 05 **Nota dos Editores**  
José Manuel Figueiredo e Paulo Seco
- 09 **Joaquim Bento Lousan:  
Convicções Cruzadas ou como  
(re)Descobrir Um Arquiteto**  
Jorge Figueira
- 13 **Bento Lousan e o SAAL  
em Carcavelos, Matosinhos**  
José António Bandeirinha
- 17 **Bento Lousan: Acasos Aparentes**  
Graça Correia
- 23 **Joaquim Bento Lousan**  
Sergio Fernandez
- 27 **Carcavelos: A Reabilitação de 2017/2022**  
José Manuel Figueiredo e Paulo Seco
- 34 **Fotografia**  
Rui Pedro Bordalo e João Rey Soares
- 70 **Biografias**



# Bento Lousan: Acasos Aparentes

Graça Correia

Foi há muitos anos, mais precisamente em 1985, no final do meu 2.º ano, que iniciou a história que agora conto e que faz parte da lenta construção do meu conhecimento em Arquitectura. Esta história resulta quase exclusivamente da soma de *acasos aparentes*. O primeiro é aquele em que me torno amiga dos filhos de Bento Lousan, em particular da Luísa Francisca (minha colega de curso, hoje comadre) e com ela parti de férias para aquela que é (ainda hoje) uma das mais belas casas realizadas por um arquitecto português: a Casa de Férias da família Bento Lousan em Alfeizerão, projectada e auto-construída nos anos 70.

Entre o *dolce far niente* que ali praticávamos e o generoso acolhimento que tinha como mais uma na família (após atribulados finais de anos lectivos na ESBAP e posteriormente na FAUP), pude sentir a vivência de espaços extraordinariamente belos, bem desenhados, bem proporcionados e detalhados, que se revelaram absolutamente fundamentais para compreender a importância da boa arquitectura.

Paradoxalmente, pude constatar, também, a pouca importância que a *crítica* vigente lhe dava, quem sabe, até, desmerecendo-a; animosidade que, naturalmente, Lousan sentia. E sinal, para mim, de primeira desconfiança por esta. Portanto, apesar da minha evidente juventude, ignorância, ingenuidade e imatura cultura

arquitectónica, a *sensibilidade visual* que tinha então – abordagem sensorial injustamente desvalorizada – alertava-me para a qualidade da sua arquitectura. Simultaneamente, a *intelligenza* continuava a afirmar *sottovoce* que a sua obra era comercial e reaccionária, críticas cuja fundamentação não poderia ser de carácter menos disciplinar!

Felizmente, pouquíssimo tempo depois de iniciar o tirocínio no escritório de Eduardo Souto de Moura, o mal-entendido começou a desfazer-se para mim com a sua preciosa ajuda e a estima que este mostrava ter pela obra de Bento Lousan. De facto, foi absolutamente revelador quando, no contexto do primeiro concurso em que participei no seu escritório – a construção do Edifício Sede do BPI na Avenida da Boavista em 1990 – para o qual também tinham sido convidados Alcino Soutinho (que ganhou o concurso) e Bento Lousan, Eduardo nos confidenciou ser este último, para ele, um concorrente fortíssimo, dada a sua excelente qualidade como arquitecto.

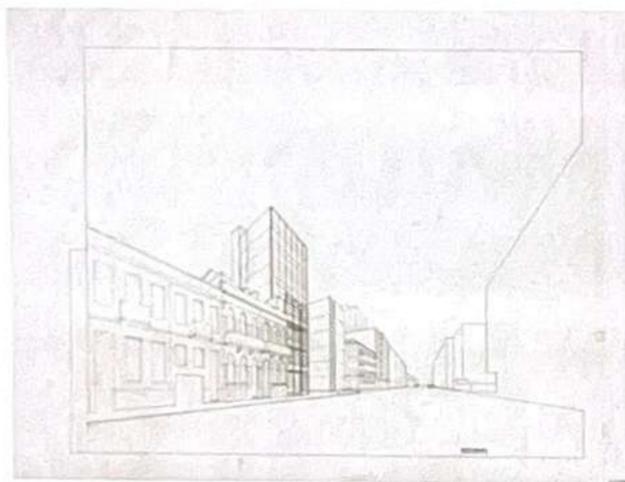
Não era a primeira vez que eu sentia esta afinidade com Eduardo, já que tinha sentido o mesmo quando, em 1987, enquanto sua aluna no 4.º ano, percebi que partilhávamos igual apreço pela cidade de Brasília (que ambos tínhamos visitado), o que, convenhamos, em 1987, era muito raro ouvir alguém verbalizar.

O facto é que nenhum dos dois ganhou o concurso, Alcino Soutinho construiu ali uma das suas melhores obras e eu nunca mais perdi de vista a obra de Lousan. Ao contrário, na primeira oportunidade, procurei aquela que Alves Costa dizia ser uma das suas mais belas casas – a de Vilamoura (1972) – que ainda hoje é surpreendentemente actual, ou o edifício de habitação colectiva em Gaia (1962), que Sérgio Fernandez dizia lembrar Ignázio Gardella.

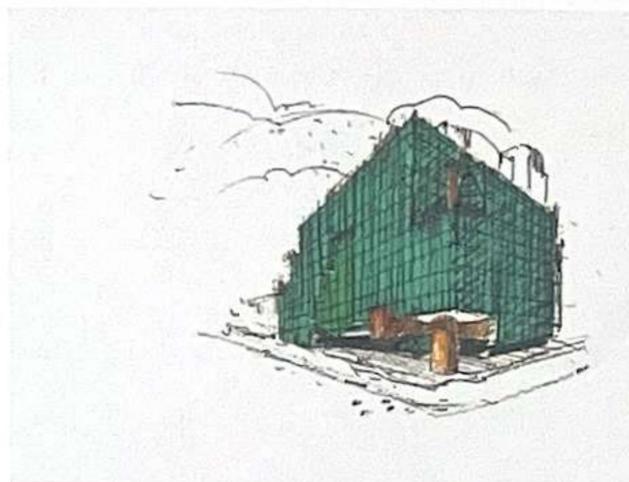
Mas já desde as suas primeiras obras – a Prova de CODA que ainda reverbera literalmente Le Corbusier, ou o Motel Alameda em Albergaria-a-Velha (1969) que imediatamente associamos ao Conjunto Residencial em Sunila de Alvar Aalto – ficava claro o seu empenho na renovação de linguagem em curso a par dos mais notáveis arquitectos, seus pares em diversas geografias, como Álvaro Siza ou Aldo Rossi, cuja influência é impossível não encontrar na sua proposta para o referido concurso do BPI. Será exactamente em obras como a de Lousan que podemos identificar os sinais da investigação projectual em curso, na nossa e noutras culturas, amadurecendo a modernidade em cada região e compreendendo assim as analogias com os seus contemporâneos, como entre a obra

de Siza na Cooperativa de Lordelo do Ouro (1960-63) e o Posto de Abastecimento de Coimbra Sul para a Sacor (1968) mas, sobretudo, percebemos o alcance da sua obra na produção de hoje, se pensarmos nas analogias entre estas, a Casa em Vilamoura (1972) e o Uitzicht Crematorium de Eduardo Souto Moura, na Bélgica (2011).

É normalmente muito adiante que se compreende o que ficou para trás, uma vez que a história não é de modo algum estática. E o seu particular interesse, como a sua beleza, residem exactamente nessa dinâmica, sendo, sem dúvida, as diferentes gerações quem a escreve a cada momento, movendo-se, cada uma, através de um mapa de referências, investigações, cruzamentos e descobertas que permitem, lentamente, nortear a sua escrita. Esta, sabemos, terá avanços e recuos através da selecção que opera o imaginário cultural que as rodeia, cristalizando-se muitas vezes, apenas, no que resulta das agendas dos críticos que normalmente coincidem ou são mais próximos dos editores. E muitas vezes por autores que não encontram o seu espaço no âmbito das questões disciplinares específicas – centradas no desenho, na composição e construção – pois não necessitam destas para operar, já que não



Concurso para a sede do banco BPI, 1989.  
Desenho de Eduardo Souto de Moura.  
Arquivo da Casa da Arquitectura.



Esquisso da proposta de Bento Lousan  
para concurso da sede do Banco BPI, 1989.  
Arquivo pessoal de Bento Lousan.

produzem arquitectura e, portanto, delas não sabem falar. Por isso, nessa construção de conhecimento, cabia a minha tal *desconfiança* e um interesse centrado exclusivamente na Obra ou no Projecto. E também por essa razão, ao contrário, a investigação tem sido, para mim, ao longo dos anos, um claro resultado de inquietações constantes enquanto arquitecta que projecta e que ensina procurando a pertinência de uma teoria do projecto arquitectónico e a sua articulação com a prática e com o ensino. Assim, quando comecei a fazer a minha investigação para Doutoramento tinha muito claro que esta seria uma Investigação em Projecto, através do Projecto e da Obra. E, não tendo, à época, muita obra construída (estávamos em 1997 e apenas a obra do Externato de S. João de Brito tinha terminado), embora já tivesse participado em inúmeros projectos, concursos e obras, entendi que a reflexão sobre um outro autor constituiria exactamente o que Paul Klee de modo tão profícuo terá começado por fazer, conforme o próprio afirma: 'Estudamos as abordagens que os outros adoptam ao realizar o seu trabalho, para que, ao familiarizarmo-nos com elas, possamos começar o nosso próprio trabalho'.<sup>1</sup>

Há vários anos que venho incentivando os estudantes interessados na Investigação em Projecto a participarem numa acção urgente de inventariação, sistematização e salvaguarda do conhecimento inscrito em diversas práticas de Arquitectura tantas vezes branqueadas 'por força da subjectividade dos critérios adoptados pelos narradores da história da Arquitectura'.<sup>2</sup> Por isso, interessa-me ainda partilhar o interesse pelo desenho e 'redesenho' enquanto ferramenta muito estimulante e operativa do arquitecto na construção do devir.

Foi em continuidade com esta linha de pensamento que surgiram as investigações que desenvolvi com estudantes, procurando sensibilizá-los através da recomendação do tema e dos autores a estudar, designadamente, Tito Figueiredo com Isaura Mendes, Melo e Gigante com Ana Rute Malato e, claro, Bento Lousan com Manuel Ascensão, perseguindo a ideia de construir uma ampla colecção que permitirá indemnizações tardias mas, sobretudo, um contributo para a história da arquitectura portuguesa e para o enquadramento das obras incontornáveis de Álvaro Siza e Eduardo Souto Moura nessa mesma História e não numa qualquer constelação, que em nada serve o conhecimento em Arquitectura.



Posto de Abastecimento de Coimbra Sul,  
Bento Lousan, 1968.  
Arquivo pessoal de Bento Lousan.



Cooperativa de Lordelo, Porto, Portugal,  
Álvaro Siza, 1963.  
Arquivo Arq.º Álvaro Siza. Col. Fundação de Serralves  
- Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação 2015.

1. 'We study the ways that another has taken in making his work, so that by becoming acquainted with those ways, we ourselves can get started.'  
Paul Klee, Noteboock, November 14, 1921.  
2. Domingos Tavares, em António Correia da Silva, Arquitecto Municipal.  
2016, DAFNE Editora CEAU- FAUP.

Uma vez que em Portugal não houve significativa evolução tecnológica, foi mais fácil afirmar (para os críticos ou académico/as) que não havia Arquitectura Moderna, mesmo que para isso fosse necessário ignorar as obras de Ruy d'Athouguia, João Andresen ou mesmo de Fernando Távora, um permanente moderno.

Hélio Piñon ajudou-me, esclarecendo de modo pertinente que os críticos e historiadores até há bem pouco tempo dedicaram todo o seu esforço no sentido de apresentar a modernidade arquitectónica como sendo herdeira de W. Morris, das Arts and Crafts e das vanguardas artísticas, devendo reflectir o espírito da máquina, sendo tudo isto mais facilmente explicável se exemplificado com a arquitectura de Mies van der Rohe e Le Corbusier. Associou-se, deste modo, a qualidade da arquitectura à peculiaridade dos seus autores, mitificando-os, em lugar de se procurar, com a identificação das qualidades das suas obras, a verdadeira essência do seu

contributo. A ideia do génio, relacionada com os seus atributos pessoais ou atitudes sociais, e não com a competência para o reconhecimento do valor da obra (como devia ser), associou-se a uma 'noção mística, quase religiosa, da arte, incompatível com a laicização e subjectivização essenciais na arte moderna'.<sup>3</sup> Confirmou-se, assim, a minha convicção de que a investigação se deve ancorar na ideia de que o projecto pertence a uma forma de conhecimento que resulta da acção e se descobre no próprio processo do Projecto. E tornou-se muito claro que, quer para Projectar, quer para Ensinar, é imprescindível a tal capacidade de examinar criticamente o próprio trabalho e o trabalho dos outros, uma habilidade que emerge de uma base académica para a actividade prática e, regressando à actividade académica, progride desta forma, tal como a inquietação que nos propôs Rafael Moneo: 'Porquê edifícios ao invés de projetos? Porquê obra no lugar do discurso teórico? Eu acredito



Habitação Vilamoura, Bento Lousan, 1972.  
Fotografia de Manuel Ascensão.



Crematorium 'Uitzicht', Eduardo Souto De Moura, 2011.  
Fotografia de Luís Ferreira Alves.  
Arquivo da Casa da Arquitectura.

3. Hélio Pinon, em Informação sobre a Proposta de Tese de Doutoramento de Graça Correia com o Título 'Ruy Jervis d'Athouguia' ETSAB - Barcelona 1999.

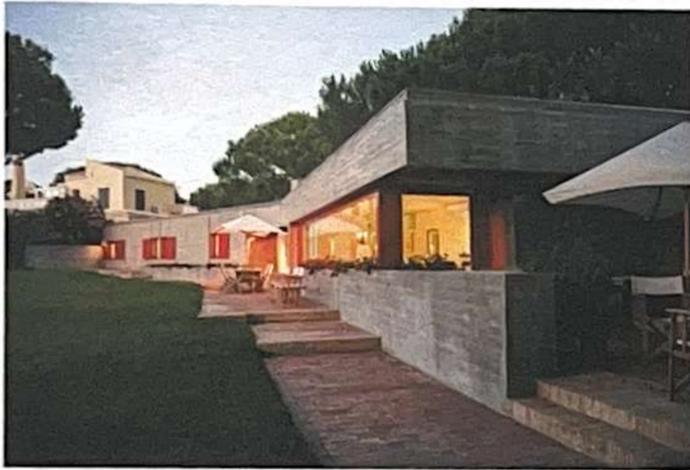
que na crua realidade das obras construídas é possível ver claramente a essência de um projecto, a consistência de ideias. Eu acredito fortemente que a arquitectura precisa do suporte da matéria; que o primeiro é inseparável do segundo. A arquitectura surge quando os nossos pensamentos sobre ela adquirem a condição real que somente os materiais podem fornecer. Aceitando e negociando com as limitações e restrições, com o acto de construção, a arquitectura torna-se o que ela realmente é.<sup>4</sup>

Sem esse sentido crítico e qualitativo centrado apenas nas questões disciplinares do Projecto, o progresso é, para mim, inconcebível.

Terá servido esta pequena reflexão para justificar porque é que Bento Lousan, tal como Athouguia, não acreditava que a sua obra suscitasse o interesse dos seus pares e tenha destruído mesmo grande parte da documentação original, sendo que o já referido trabalho de mestrado pôde trazer à luz documentos originais recuperados junto

do autor, bem como os inúmeros desenhos arquivados nas diversas câmaras municipais onde, com a ajuda do próprio Bento Lousan, se puderam localizar. Mas, sobretudo, para dar um contributo fundamental para a compreensão do processo de desenvolvimento dos seus Projectos. Ainda, desta abordagem como um método de pesquisa, teste e crítica, até à construção de uma ideia formal adequada a um problema de Arquitectura e revelar uma obra que se construiu enquanto a *prova* que a ciência reclama.

Poderíamos invocar também aqui as palavras de Gardella, em cuja obra Lousan mergulhou por diversas vezes: "A cultura é alimento necessário para a formação do arquitecto, mas torna-se um fardo inútil no estômago se continuar a ser uma cultura sobrecarregada, ou seja, se o conhecimento teórico e a experiência prática não forem integrados uns nos outros, e se não forem absorvidos, dirigidos, eu diria 'esquecidos' no círculo sanguíneo do fazer."<sup>5</sup>



Habitação Vilamoura, Bento Lousan, 1972.  
Fotografia de Manuel Ascensão.



Crematorium 'Uitzicht', Eduardo Souto De Moura, 2011.  
Fotografia de Luís Ferreira Alves.  
Arquivo da Casa da Arquitectura.

4. Rafael Moneo em Aula Magna, Kenzo Tange Visiting Professor Chair / Harvard University Graduate School of Design, 1985 Texto original em inglês / Tradução para português: Igor Fracalossi.

5. GARDELLA, Ignazio, 'Docente di Elementi di composizione, intervistato dagli studenti dello IUAV per il periodico studentesco', in Venezia Architettura, Venezia, setembro de 1952, p. 17. 'La cultura è cibo necessario alla formazione dell'architetto, ma diventa inutile peso sullo stomaco se resta cultura stralciata, se cioè le cognizioni teoriche e le esperienze pratiche non si integrano le une con altre, e se non sono assorbite, digerite, direi 'dimenticate' nel circolo sanguigno del fare.'

**PUBLICAÇÃO****TÍTULO**

A Periferia da Periferia.  
Joaquim Bento Lousan.  
Complexo Habitacional de Carcavelos.  
Matosinhos

**EDITORES**

José Manuel Figueiredo  
Paulo Seco

**TEXTOS**

Graça Correia  
Jorge Figueira  
José António Bandeirinha  
Sergio Fernandez

**FOTOGRAFIA**

Rui Pedro Bordalo  
(capa, contracapa, páginas 38-63)  
João Rey Soares  
(páginas 34-37)

**DESIGN GRÁFICO**

Susana Fernando

**ASSISTÊNCIA EDITORIAL**

Joana Couceiro

**REVISÃO**

Andreia Faria

**REGISTO FOTOGRÁFICO DA OBRA**

Impare Architectura  
(páginas 04-33, página 69)

**REGISTO VÍDEO DA OBRA**

Mariana Vasconcelos

**IMPRESSÃO**

Lidergraf

**TIRAGEM 500 exemplares**

500 exemplares

**DEPÓSITO LEGAL 528425/24**

ISBN 978-989-35355-2-3

**AGRADECIMENTOS**

Claudia Rafael  
Luísa Lousan  
Manuel Tavares Ascensão  
Pedro Canedo  
Graça Correia  
Jorge Figueira  
José António Bandeirinha  
Sergio Fernandez

**DATA DE EDIÇÃO**

Fevereiro 2024

**EDIÇÃO**

esad—idea

**REABILITAÇÃO**

Projeto 2017  
Obra 2020-2022

**EQUIPA DE PROJETO**

Impare Architectura  
Paulo Seco  
José Manuel Figueiredo  
Filipe Lourenço  
Rita Neves

**AUDITORIA ENERGÉTICA**

Omega Flow – Ricardo Novais

**DONO DE OBRA**

Câmara Municipal de Matosinhos  
MatosinhosHabit

**ACOMPANHAMENTO DA OBRA**

Pedro Canedo  
Claudia Rafael

**FISCALIZAÇÃO**

Maria Jesus Quinta

**CONSTRUTOR**

Befebal

**APOIO**

**IMPARE**  
arquitectura

 **Befebal**  
Building with you.

**Onduline**  
Lightweight roofing systems

**GLOBALDIS**  
FOR YOUR TODAY

